

Glenn Brasil

Controle ou hiperinflação reprimida* 1 AGO 1989

O ministro Mailson da Nóbrega está engajado numa campanha de otimismo cauteloso: é o seu papel. Os economistas são ainda mais precavidos: lutam pela sobrevivência, porquanto muito erraram no passado. Quem tem razão? À primeira vista diríamos que ambos. Mas cumpre-nos saber quem decide, no que tange à evolução da situação econômica, são os próprios agentes que articulam a economia. Nesse caso, temos de reconhecer que o ministro da Fazenda tem razão em andar contra a corrente e em difundir um otimismo ao qual não falta prudência.

A inflação de julho (28,76%) é ainda muito alta. Parece pequena apenas porque se previa taxa ainda maior. Ninguém pode ficar satisfeito diante de uma inflação que — em termos de 12 meses — é de 1.976,6%. O ministro da Fazenda é o primeiro a reconhecê-la, não lhe agradando o resultado de julho. O seu prudente otimismo baseia-se apenas no fato de que foi menor do que o mercado esperava, tendo optado por um crescimento geométrico com base nos resultados do mês de junho. O que o ministro está constatando é que gra-

ças a um maior controle monetário os preços não explodiram. Provavelmente leva em conta, também, os primeiros sinais de uma desaceleração da demanda, que evita chamar de recessão. Ficou ainda agradavelmente surpreso com os resultados do déficit público registrados no primeiro semestre. Sabe, porém, que a batalha do déficit não está ganha e que não é com o novo aumento concedido ao funcionalismo que a situação irá melhorar.

Podemos assim entender a posição dos economistas, divulgada domingo em nosso caderno de Economia. Suas opiniões divergem, mas existe um certo consenso: a hiperinflação é uma ameaça que poderá ser afastada por alguns meses, ainda que seja muito difícil estabilizar a taxa, nos próximos, em torno de 30%. Com efeito, nenhum compêndio de economia permite aceitar uma estabilização em tais termos. Mais que isso, existem numerosos fatores que permitem prever uma taxa mais alta. O problema é saber se a alta progressiva a registrar-se eventualmente nos próximos meses nos conduzirá à temida taxa geométrica.

É neste particular que os economistas divergem. Alguns acreditam nos efeitos de uma política monetária apertada — a única arma que ficou à disposição das autoridades fazendárias — enquanto outros negam a eficácia desse instrumento. Os mais otimistas chegam a forjar a idéia de uma “hiperinflação reprimida”, que iria explodir nas mãos do próximo governo, oferecendo todavia a vantagem de permitir que as eleições de novembro transcorram num clima de relativa tranquilidade. É reconhecer que o governo não pode recorrer a medidas estruturais, as únicas que afetariam realmente a trajetória, para pior. Assim, poucos são os que defendem hoje um novo choque, que provavelmente precipitaria a hiperinflação.

Há que admitir que nosso destino não depende das previsões dos economistas mas, seguramente, das reações dos agentes econômicos e das suas interpretações da conjuntura. Não se pode desprezar a vontade nacional de afastar, num momento politicamente tão crítico, a hiperinflação. Ao remarcar seus preços, os empresários não deixam de levar em

conta tal ameaça, especialmente numa fase em que os reajustes salariais — sempre atrasados no quadro de uma inflação crescente — estão reduzindo o poder aquisitivo da população.

Se se convencer de que a solução pior pode ser afastada, o governo terá vencido uma primeira batalha mas, certamente, não a guerra. Pelo que cumpre multiplicar as revelações dos resultados, não tão ruins, da economia. Paralelamente, será necessário mantê-los ao longo dos primeiros meses. Se em agosto a base monetária acusar novo salto, como em maio, a confiança sofrerá duro golpe. Se os resultados das exportações indicarem queda de nossas vendas ao Exterior quando as vendas internas caírem, o pessimismo se implantará entre nós. Incumbe ao governo administrar sua política econômica tendo em mente as reações dos agentes da área. Não lhe cabe, porém, dar a impressão de que saímos do buraco, mas apenas repetir que está fazendo o pouco que pode, sem esconder que é praticamente impossível “manter um avião parado no ar”.